

MERETRIZES EM FORTALEZA: VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA (1900-1930)

NATHALIE NUNES MONTEIRO¹

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as meretrizes da cidade de Fortaleza no início do século XX. Buscando conhecer a opressão sofrida pelas mulheres daquele período – principalmente as que fugiam das regras e não viviam como mulheres “civilizadas” - assim como seus processos de resistência a essas opressões. A violência permanece no cotidiano das mulheres no transcorrer da história em diferentes espaços e tempos e conhecer as minúcias dessa violência nos possibilita entender grandes aspectos da estrutura daquela sociedade, assim como desconstruir qualquer justificativa para a opressão feminina.

Buscando as vozes dessas mulheres e suas lutas diárias encontro vários outros aspectos interessantes, como a zona de meretrício de Fortaleza, suas redes de relacionamento e algumas das suas histórias de amor e rivalidades.

Os Inquéritos Policiais foram as principais fontes para compreender a violência ocorrida contra as meretrizes nesta capital e quais atitudes tomam depois que sofrem tal violação. Essas mulheres também eram réis em vários processos criminais, nos ajudando na interpretação sobre quais eram suas lutas e até que ponto iria à submissão ao poder masculino que pagava para ter seus serviços. Inquéritos criminais, processos criminais, rol de culpados, denúncias judiciais, são vários os lugares que se podem encontram informações sobre as meretrizes e suas lutas. A utilização desse tipo de fonte não é atual, entretanto utiliza-los para trabalhar a história das mulheres em uma perspectiva de gênero está se desenvolvendo em grande escala.

Sobre Processos Criminais sendo utilizados como fontes históricas a historiadora Andréa Lisly Gonçalves nos mostra sua recente importância e desenvolvimento em estudos de gênero:

Seguindo a linha inaugurada por trabalhos como Meninas perdidas, de Marta Abreu, que aborda os conflitos entre a realidade e a norma do comportamento sexual estabelecido por médicos e juristas, comparativamente os valores compartilhados pelos segmentos populares em suas relações amorosas, Magali Gouveia Engel, através da análise de processos de homicídio entre homens e mulheres ocorridos em Campinas entre 1952 e 1972, propõe-se a analisar o

¹ Universidade Federal do Ceará, Graduada.

Percebendo as diversas possibilidades, utilizo-me destas fontes para analisar as relações entre meretrizes e a sociedade fortalezense, já que a Justiça e a Polícia do Estado seriam os principais espaços de denúncia do que esta em desacordo com a ordem vigente. Os documentos policiais como rols de culpados, inquéritos, processos judiciais e outros se mostram um grande arsenal para estudar o meretrício em Fortaleza, já que as denúncias eram constantes e a quantidade de informação é imensa sobre essas mulheres.

Iniciando as leituras sobre as meretrizes encontramos de imediato os infinitos casos de polícia em que estavam envolvidas.

O meretrício, ao localizar-se no centro, facilitava a aproximação dos fregueses. Para aqueles que trabalhavam na zona comercial e frequentavam os bordéis, tornava-se bastante conveniente a localização das casas de prostituição nessa área. Sobre a violência, percebe-se que algumas agressões também ocorriam durante o dia. Esses delitos tornavam-se “casos de polícia” e poderiam representar um problema para a ordenação da cidade. (GUEDES 2002, 61)

O caso a que venho desenvolver nesse trabalho para ajudar-me a relatar a vida dessas mulheres é o caso da meretriz Maria de Lourdes Honorato. O Inquérito de Maria de Lourdes Honorato que hoje está localizado no Arquivo Público do Estado do Ceará, na sub-série Ferimentos leves, tornou-se um caso de polícia diferente dos outros inúmeros ocorridos na cidade, pois não chamou a atenção das pessoas na rua, nem se localizou na zona de meretrício no centro da cidade, onde se localizava a casa da meretriz, mas sim numa zona residencial e rica da cidade e além do mais a própria Maria fez uma denúncia contra o seu cliente José Walfrido Fialho.

A história de Maria de Lourdes vai nos ajudar a pensar sobre o meretrício na cidade de Fortaleza no começo do século XX, tanto por sua diferença dos outros casos, já que temos uma meretriz denunciante que em todo o relatório de polícia é tratada realmente como vítima – apesar de alguns insultos do escrivão da Polícia – tanto pela semelhança de tratamento que recebe essa mulher das outras que se recusaram a ceder aos desejos de um homem que lhe pagaria por seus serviços – fato que não sofreu grandes mudanças até a atualidade.

Mardônio Guedes investigando a prostituição na capital do Ceará, de 1930 a 1940, nos alerta sobre isso: “Nos processos examinados, a recusa de uma meretriz a um desejo ou

vontade masculina, o ciúme de um amante e a ofensa moral de uma prostituta eram mencionados como elementos provocadores da violência nessas relações.” (GUEDES 2002, 65).

“[...] a meretriz Maria de Loudes Honorato, [...] passava pela Praça do Ferreira, quando foi chamada por José Walfrido Fialho [...]o qual a interrogou, indagando se ella estava livre.” (Inquérito Policial por crime de ferimentos leves e contusões 1929)²

A ocupação da cidade pelas meretrizes não era algo positivo para uma cidade que estava tomando aspectos de metrópole. As transformações que a cidade vivia naquele período foi um dos aspectos que me atraiu a ele para estudar as relações de gênero e a história dessas mulheres que não se adequavam a uma sociedade “civilizada” aos moldes europeus.

Dessa forma, fazendo uma leitura sobre o período de Reformas Urbanas e Sociais no período da primeira república, pude perceber como a modernização e os novos modos de vida modificou o dia a dia de vários sujeitos destas sociedades, principalmente das grandes cidades brasileiras – como São Paulo e Rio de Janeiro. As permanências e principalmente as rupturas desses períodos foram de enorme relevância. A tentativa de modificar velhos hábitos existentes para se inserir um modo de vida europeu e moderno no povo brasileiro foi um dos principais objetivos dessas reformas, entretanto, a população, principalmente pobre e discriminada, resistiu de várias maneiras a esses códigos de condutas e posturas.

O reordenamento da cidade, assim como das pessoas que nela viviam faz parte de um projeto civilizador e de progresso que vai atingir as grandes cidades brasileiras, e Fortaleza, com o seu crescimento devido a maior inserção no mercado algodoeiro. “*Dai a vigilância e a inibição de toda e qualquer conduta considerada, a partir de então, imprópria relativamente ao padrão civilizado.*” (BARBOSA, A Força do Hábito: Condutas Transgressoras na Fortaleza Remodelada (1900-1930) 1997)

O trabalho de Francisco Barbosa nos deixa bastante claro que os espaços públicos de Fortaleza não tinham mais ambiente para todos:

“À experiência civilizada, digna de uma cidade aformoseada como a capital do Ceará no início do século XX, contrapõe-se o estilo de vida, muitas vezes espontâneos, aventureiro e hedonista de certos grupos sociais que se espalhavam

² Inquérito Policial por Crimes de Ferimento e Contusão Leves, sendo o acusado: José Walfrídio Fialho, e Vítima: Maria de Lourdes Honorato. 29 de julho de 1929. Arquivo Público do Estado do Ceará, Série: Ações Criminais.

pelas ruas da Cidade. À vida ordeira e regrada do trabalhador opõem-se a ociosidade e a busca do prazer imediato, vividos por vários personagens urbanos.” (BARBOSA, A força do hábito: condutas transgressoras na Fortaleza Remodelada (1900-1930) 1997, 13)

Dentre os tais personagens urbanos existiam as meretrizes, que apesar de na maior parte das vezes não ter a prática de seu trabalho questionado, a sua vivência em espaços públicos não era agradável aos cidadãos “civilizados” daquela recente metrópole, fazendo das denúncias algo constante. Os jornais e os departamentos policiais e de justiça eram constantemente chamados para tentar reprimir o comportamento indesejável das “mulheres alegres”. Como afirma Guedes “As ações policiais em muitos momentos não combatiam o exercício da prostituição, procurava-se conter posturas de homens e mulheres percebidas como “imorais” e excessivas no dia a dia do meretrício.” (GUEDES 2002, 62)

Voltando a história da meretriz Maria de Lourdes, depois do convite do “galanteador” José Walfrido ela responde positivamente ao novo cliente e o convida para acompanhá-la até a sua casa. “Fialho, entretanto, cada vez mais factando-se de ser muito bom homem para mulheres da “vida alegre”, de paga-las bem, - conseguiu fazer com que Maria de Lourdes o acompanhasse.” (Inquérito Policial por crime de ferimentos leves e contusões 1929)

Fialho ainda se utiliza de outras falas para enganá-la, dizendo “que sua família estava ausente e que morava com uns ingleses. Afirma ainda que Maria encontraria muita cerveja gelada para beber e que mandaria deixá-la em casa de automóvel”. (Inquérito Policial por crime de ferimentos leves e contusões 1929). A grande e enfeitada história se mostra apenas uma armadilha para conquistar a meretriz, nos fazendo perceber que apesar de ser uma mulher que trabalha com a venda do sexo, ela não está aberta a qualquer tipo de situação que o cliente deseja colocá-la. A meretriz tem poder de decisão sobre os clientes que vai ou não atender e sobre o que deve ou não se submeter. Maria de Lourdes nos mostra no decorrer de sua história uma mulher independente e consciente do poder que tem e como pode lutar por ele.

Entender a autonomia dessas mulheres dentro de uma sociedade patriarcal é algo encantador e muitas vezes impressionante. As meretrizes não estavam dispostas a tudo para satisfazer seus clientes assim como muitas vezes podemos imaginar. As mulheres de “vida fácil” incomodam por serem independentes demais aos olhos dos grandes “donos” das cidades. Os homens em variados papéis lutavam para manter essas mulheres a mercê das suas vontades, entretanto a luta delas pela independência, sendo ela financeira ou moral, era constante.

Illudida em sua boa-fé, - talvez até alegre, por pensar ter encontrado quem lhe fosse socorrer em suas necessidades de mulher infeliz, pobre e sem amparo, - Maria de Lourdes Honorato acompanhou a José Walfrido Fialho...Este, para desfazer qualquer dúvida, que, por acaso, ainda paira no espírito de Maria de Lourdes, pelo facto de ter acompanhado, - dirigi-se, com sua presa ao “Café Primavera, dito à praça “Capistrano de Abreu, antiga “José de Alencar” (do Mercado Público), número 38 (trinta e oito), e, allí, manda botar uma cerveja que toma com Maria de Lourdes... [...] (Inquérito Policial por crime de ferimentos leves e contusões 1929)

Neste trecho do Inquérito podemos perceber a forma como o Escrivão Francisco Cândido Maia da Delegacia da Polícia do Ceará, redator desse relatório, coloca a posição social da Meretriz. “Mulher infeliz, pobre e sem amparo” que estaria feliz por pensar em ter encontrado um homem que lhe pudesse socorrer é uma forma bastante comum de tentar submeter a mulher ao único detentor do poder financeiro, nesse período de forma bem mais exarcebada, um homem seria o único capaz de arrancar Maria da miséria na qual vivia.

Continuando na leitura do relatório podemos perceber o desfecho desse momento na vida da Maria de Lourdes, que pode não ter sido nem o primeiro e nem o último, mas nem por isso ela deixou-se submeter ao poder masculino:

Logo que acabam de servir-se, Fialho acha com sua já futura vítima, e, ao chegarem à Praça da Sé, tomam o último bonde que seguia para o fim da linha do bairro Santos Dumont, antigo outeiro (Aldeota). Na antepenúltima parada da citada linha, Fialho saltava com a presa, e, entrando em um cercado, segue por dentro do mesmo, com Maria de Lourdes...a uma certa altura, e em plena matta, Fialho convida Maria de Lourdes para o fim a que a conduzina, ao que Maria de Lourdes oppôs-se porderando que Fialho tinha queixado de acompanhá-la à sua casa, della, e a havia feito acompanhá-la para a sua casa, delle, e não para o matto...

Em resposta a essas justas ponderações de sua presa, - José Walfrido Fialho investe contra Maria de Lourdes, segura-a pela garganta, derriba-a, esbofeteia-a, chega mesmo a ameaçá-la de tiros, resultado, de tudo isso, Maria de Lourdes Honório sashiu com os ferimentos e contusões descritos no Auto de Exame de “Corpo Delictu” de folhas 3(três) e 4(quatro) dos autos, - além dos prejuízos materiais causados à infeliz mulher, como fossem a perda de objetos de seu uso individual, deteriorações de outros, etc, etc..

A resposta da Maria de Lourdes aos desejos do seu cliente José Fialho foi distante do que ele esperava e utilizar da violência física foi uma forma dele mostra-la que a resistência não poderia ser aceita, pois como mulher e principalmente como uma mulher que usa o corpo para viver ela deveria aceitar qualquer situação que fosse colocada, mesmo que essa não fosse do seu conhecimento e muito menos do seu agrado.



Entretanto, a surpresa que José Fialho teve foi dupla, pois além de não ter conseguido seus objetivos com Maria de Lourdes, também foi denunciado por esta na 2ª Delegacia Interina da Capital do Ceará um dia após o ocorrido. Maria de Lourdes contou todos os detalhes da sua noite, o fato ocorreu entre as 22 e 23h da noite, com o então José Fialho e até garantiu que testemunhas, que trabalhavam nos locais em que passaram como no Café Primavera e no bonde da cidade, colaborassem para provar que teria sido realmente José Walfrido que atacou a Meretriz.

A violência física sofrida pela meretriz é uma pequena mostra de que as resistências das mulheres são diárias e podem até passar imperceptíveis. “Na fase dos “relativismos”, sobretudo os culturais, que caracterizam o novo contexto histórico, a dominação sobre a mulher, ao longo da História, passa a ser vista de forma menos absoluta e exercida de forma menos unilateral sobre os dominados.” (GONÇALVES, 2006, p. 71) Perceber as resistências diminutas é importantíssimo para entender o não absolutismo da dominação do homem sobre a mulher dominada. As práticas pequenas e cotidianas também colaboram para a percepção da mulher como sujeito da sua própria história, que tem escolhas e direitos que apesar das dificuldades para serem concretizados, muitas vezes foram utilizados para a defesa do seu corpo e da sua vida.

O corpo da mulher e seus direitos sobre ele por muito tempo são discutidos e questionados, pois na maioria das sociedades a ideia de que o corpo das mulheres pertence aos homens prevaleceu e ainda prevalece em muitos lugares. Entretanto, a meretriz Maria de Lourdes deixa bastante claro ao seu suposto cliente que ele não poderia fazer com o corpo dela o que quisesse, pois se aquele corpo teria algum dono, este dono parecia ser a própria Meretriz que se recusa a se prostituir ao ar livre no meio dos “matos” com o seu cliente, pois o combinado seria o de ir até a casa dele. A Maria de Lourdes deixa claro nesse Inquérito que o corpo dela não é público.

As meretrizes que sofrem diariamente os ataques da imprensa e também dos grandes civilizadores, resistem aos ataques que exigem a sua saída do centro da cidade, aos ataques as suas práticas e modos de comportamento, e acabam fazendo com que os jornais constantemente expressem as ideias de seus redatores e leitores sobre essas mulheres.

Figura 1: Trecho do Periódico Jornal do Ceará' Orgam Político – 30 de agosto de 1911. Anno VIII
Nº 1389 - Fortaleza/Ce

Com a policia

Temos recebido insistentes reclamações contra a falta de policiamento em alguns quarteirões desta capital.

Assim, no boulevard Visconde do Rio Branco, no quarteirão em que funcionava, ha bem pouco tempo, o consultorio medico do dr. Belfort, e na trsvessa do Livramento, quarteirão da rua da Cruz que dá para o mesmo boulevard, se acham aboletadas mulheres da *vida facil* que trazem aquelles quarteirões em completo *rebolicho*, com grave escandalo para as familias ali residentes e continuada perturbação do socego publico.

São de tal ordem os factos que ali se reproduzem que, por decencia, aqui não os podemos registrar, limitando-nos a chamar para elles a atenção do snr. dr. Chefe de Policia e seus auxiliares.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A proximidade entre policiais e meretrizes era motivada pelas diversas denúncias que estes recebiam sobre o “péssimo” comportamento destas mulheres, além de muitas vezes fazerem parte da clientela das meretrizes. Assim, estes homens estavam frequentemente ao encontro destas. Fonteles Neto nos deixa claro a dualidade sobre a relação entre esses dois grupos, as meretrizes “imorais” e os policiais “detentores da ordem”.

“Não se pode esquecer que os policiais fazem parte do universo da prostituição, seja como clientes, ou como algozes perseguidores. Cria-se, então, complexa rede de relações, pois a prostituição propiciava dinheiro para acentuado número de pessoas, desde agenciadores, meretrizes e funcionários, até policiais que recebiam propina para garantir o funcionamento do recinto.” (Neto 2005, 77)

Perceber o papel da polícia na vida das meretrizes nos possibilita engrandecer a percepção das atividades de resistência dessas mulheres. Elas sabiam exatamente o que deveria ser feito para não serem expulsas dos seus lugares de trabalho, as ruas do centro eram as melhores para a prostituição e as mulheres de “vida alegre” estavam dispostas a lutar para ali permanecer. Pagar aos policiais para não ser expulsa do lugar de trabalho e fazer deles uma rede de solidariedade parece uma ótima estratégia de resistência.

A “rede de solidariedade” construída pelas meretrizes é outra forma de resistência. Encontrar pessoas da sociedade fortalezense que tivesse interesse em manter as meretrizes a



rua era uma forma de tornar a atividade do meretrício no centro de Fortaleza possível. No período de reforma urbana e remodelamento da cidade, vários outros personagens urbanos que não se encaixavam ao perfil de cidade civilizada foram expulsos do centro da cidade. Essas expulsões ocorreram de diferentes formas, mas as denúncias sobre os diversos grupos eram constantes:

Nos jornais que circulam por esta época a Cidade são comuns as denúncias relativas à situação de miséria na qual se encontrava grande parte da população, assim como a existência de significativos contingentes de pessoas a “perambularem” pelas vias públicas, na condição de “vadios”, “pedintes”, “menores” ou “meretrizes”, Aí, ganham a vida, se “divertem” e são, com frequência, alvos da ação policial. (BARBOSA, A força do hábito: condutas transgressoras na Fortaleza Remodelada (1900-1930) 1997, 13 - 14)

A violência contra as meretrizes se davam de diversas formas, sendo a dos seus clientes que exigiam que suas práticas ocorressem quando e onde eles desejassem ou sendo pela própria civilização que desejava ditar os espaços e práticas dessas mulheres. Entretanto, a busca pela permanência dos seus trabalhos nos locais que desejassem assim como a defesa de seu corpo se dava diariamente. A resistência à violência física e a tentativa de lhes retirarem dos espaços da cidade fizeram dessas mulheres grandes figuras da história da capital fortalezense, pois sua força de permanência e luta lhes fizeram parte da história do centro da cidade até os dias atuais, pois a história dos seus espaços e bordéis são parte da história da cidade.

FONTES:

Jornal do Ceará: Orgam Político. “Com a polícia.” 30 de agosto de 1911. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=231894&PagFis=3228> Acesso: Junho de 2015.

Inquérito Policial por crime de ferimentos leves e contusões (Polícia do Estado do Ceará 28 de Julho de 1929).

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *A força do hábito: condutas transgressoras na Fortaleza Remodelada (1900-1930)*. Dissertação. Fortaleza: UFC, 1997.



GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUEDES, Mardônio. "Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930-1940)." In: *Gênero*, por Simone de Souza e Frederico de Castro Neves, 53-78. Fortaleza, Ceará: Edições Demócrito Rocha, 2002.

NETO, Francisco Linhares Fonteles. *Vigilância; Impunidade e transgressão: Face da atividade policial na capital cearense (1916 - 1930)*. Fortaleza: Ceará, 2005.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

WALKOWITZ, Judith R. "Sexualidades perigosas." In: *História das Mulheres do Ocidente*, por George DUBY e Michelle PERROT, 403 - 441. Porto: Afrontamento, LDA, 1992.